

Construção de grupos na atenção básica à saúde

SEMINOTTI, Nédio (Org.).

O pequeno grupo como um sistema complexo: uma estratégia inovadora para produção de saúde na Atenção Básica.

Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016. 217 p.

|¹ Mikael Lima Brasil |

¹ Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva, Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Fiocruz Pernambuco. Recife-PE, Brasil (mikael_cpc@hotmail.com).

Recebido em: 04/09/2015
Aprovado em: 08/12/2015

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000100018>

PluriVox: a saúde tecida em múltiplas vozes é a ferramenta em que se fundamentam as discussões da obra *O Pequeno Grupo como um Sistema Complexo: uma Estratégia Inovadora para Produção de Saúde na Atenção Básica*. Organizada por Nédio Seminotti, em colaboração com 13 autores, a partir de introdução, nove capítulos, considerações finais e anexo, divididos em 217 páginas, a coletânea foi publicada em 2016 pela editora rede UNIDA.

Como facilitar grupos de usuários na Atenção Básica? Essa, talvez, seja a grande questão que permeia a obra. Fazer referência ao grupo como um sistema complexo, já na *introdução*, revela uma nuance perspicaz que pretende estimular o leitor a refletir a ótica da heterogeneidade das relações humanas e dos caminhos que esses encontros podem percorrer. Assim, torna-se conveniente adentrar pelas contribuições de Andrade, Amorim e Natal (2016), quando acrescentam que grupos podem se tornar uma aposta para o rompimento de cotidianos que reduzem as representações dos sujeitos no espaço, desde que sejam (os grupos) permeados pela lógica da criatividade, cuidado e crítica, visando à construção da autonomia dos integrantes e à dinamicidade de suas relações.

É nessa perspectiva que o capítulo um – *Quebrando paradigmas na concepção dos pequenos grupos: um sistema de sistemas para enfrentar a complexidade humana* – releva a representação de contextos que grupos podem satisfazer, por meio

da soma de esforços para o alcance do bem coletivo. São também citadas algumas teorias de grupo, através de uma análise dialética destas, para conceber, posteriormente, a vida humana como um sistema complexo, dialogando, muitas vezes, com a literatura de Edgar Morin, na compreensão do grupo como um fenômeno de um sistema maior constituído por sistemas menores. Encerra-se o capítulo com a proposição de algumas posturas e procedimentos, a partir da complexidade sistêmica, que podem facilitar as práticas em grupo.

O capítulo dois – *Protocolo de observação: uma estratégia para capacitação em coordenação de grupos* – tece valorosas contribuições sobre a questão de grupos e sua formulação dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), destacando sua capacidade terapêutica. Através de uma pesquisa-ação, os autores buscaram apresentar respostas que contemplassem a operacionalização de um formulário de observação grupal e o uso de protocolo como ferramenta para coordenadores de Pequenos Grupos Sistêmicos Complexos (PGSC). Decorrendo a narrativa da experiência, é possível contemplar propostas e seguimentos a ideias sobre trabalho em grupo, como também a relevância atribuída ao protocolo construído na pesquisa – poder-se-ia compreendê-lo como a fase germinativa do instrumento foco de todo o livro –, visto como uma ferramenta capaz de organizar a dinâmica do grupo, além de contribuir efetivamente para a capacitação de coordenadores.

No capítulo três – *PLURIVOX: um programa de capacitação para facilitação de grupos na Atenção Básica* –, tem-se um delineamento consistente para a apresentação da proposta *PLURIVOX: a saúde tecida em múltiplas vozes da grupalidade*, dada através da participação de trabalhadores da saúde das UBS Cerne e Santo Operário - Canoas, RS, usuários, gestores da saúde e apoiador para ativação de grupos que desenvolvem uma proposta metodológica para facilitar a formação de grupos com o auxílio de protocolo de observação. O capítulo agrupa contextos significativos, observados a partir do delineamento da hipótese do projeto inicial: “Participar do grupo e, a seguir, constituir um grupo de pertencimento significa tecer juntos (cocriar) uma tecnologia leve ou um método/caminho que viabiliza a produção saúde em múltiplas vozes” (p. 87).

Sobre tecnologias leves, Emerson Merhy (2005) vem considerar que elas estão relacionadas à produção de vínculo, acolhimento e gestão dos processos de trabalho. Dessa forma, o capítulo traz uma tessitura valorosa por meio de contribuições que permeiam a ótica do protagonismo dos sujeitos envolvidos no

grupo, ainda como forma de empoderamento sobre suas condições de saúde, compreendendo-se esta em seu conceito ampliado.

Salienta-se, ainda, a riqueza iconográfica do capítulo, que traz imagens do projeto. Colocando-se como alternativa contemplativa para o leitor, estas são mais um instrumento de que se lança mão para a reflexão da riqueza de significados elencados pelas representações simbólicas que podem ser vivenciadas com a leitura.

Os capítulos que dão sequência à obra se formam através da construção de narrativas sobre a construção de grupos delineados pela estratégia PLURIVOX, a partir das seguintes temáticas: capítulo quatro – *Grupo de emagrecimento como estratégia de enfrentamento da obesidade pelas equipes de saúde da família*; capítulo cinco – *Atuação fonoaudiológica na saúde coletiva: grupo terapêutico como ferramenta de trabalho na atenção básica - relato de experiência*; capítulo seis – *Arteterapia de grupo na atenção básica*; capítulo sete – *Grupo psicofísica: uma experiência em promoção de saúde*; capítulo oito – *O grupo como um programa de emagrecimento: uma nova proposta de trabalho interdisciplinar na atenção básica*; e capítulo nove – *Ciranda comunitária: um espaço de cuidado para acolher, escutar e partilhar sentimentos*.

São textos cuja boa organização é sistematizada pelas experiências relatadas. Em diversos momentos, estas dialogam com as reflexões do leitor através da problematização das ideias, articuladas em um jogo de palavras que se afunilam em questões referentes ao Processo de Trabalho em Saúde na atenção básica. Há uma ênfase constante na questão do grupo de muitas vozes e a sua capacidade terapêutica, contextualizada, inúmeras vezes, como um recurso para o cuidado coletivo, superando paradigmas que remetem à individualidade do saber e negam a produção em saúde como resultado do trabalho em grupo.

Sustentando todo o percurso do livro, chega-se às *considerações finais*, que retomam a visão dos vários atores envolvidos no delineamento, teorização e operacionalização da proposta PLURIVOX, além das suas perspectivas para o trabalho na atenção básica. Na sequência, um presente para o leitor: a obra disponibiliza um anexo (p. 209) contendo o protocolo, ponto-chave do estudo, no qual constam as etapas contemplativas para a observação facilitadora de grupos, dividido em *Princípios orientadores para coordenação/facilitação de grupos nas UBS* e *Competências básicas de responsabilidade da pessoa que coordena*,

facilita, conduz ou “toca um grupo” na UBS, com qualquer objetivo. Este último, por sua vez, apresenta: Tarefas indispensáveis para o início de um grupo, Tarefas indispensáveis no desenvolvimento de todas as sessões de grupo e Tarefas indispensáveis no encerramento/avaliação das sessões de grupo.

O que falar sobre a leitura da obra apreciada neste trabalho? Desafiadora, reflexiva e empolgante são alguns adjetivos que emergem. Os autores levam o olhar do leitor a considerar a estratégia *PLURIVOX* como um panorama do trabalho vivo e a observar as nuances do estudo em questão, constantemente, como resposta às muitas dúvidas surgidas quando o trabalho em grupo na atenção básica é apontado como alternativa terapêutica, de promoção da saúde e, acima de tudo, de cuidado.

Portanto, indispensável é a palavra escolhida para encerrar esta análise, uma vez que a obra se coloca como instrumento de valor teórico para as dinâmicas de trabalho em grupo na atenção básica. Diria mais: a leitura traz uma semântica importante para profissionais de saúde, que lidam constantemente com grupos. O entendimento do pressuposto de que estes são sistemas complexos se faz peça basilar para perceber as relações que os seres humanos estabelecem quando se constituem coletividade.

Referências

ANDRADE, C. F. de; AMORIM, S. C. de; NATAL, T.B. Clínica comum com ênfase nos grupos. In: UCHÔA-FIGUEIREDO, L.R.; RODRIGUES, T.F.; DIAS, I. M.A.V (Org.). *Percursos interprofissionais: formação em serviços no Programa Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016. p. 275-296.

MERHY, E.E. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2005.